

SOBRE FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE: POÉTICAS (CON)FIADAS NA PESQUISA, NO ENSINO E NA EXTENSÃO

 <https://orcid.org/0000-0003-0782-2149> José Firmino de Oliveira Neto

Recebido em: 31 out. 2025 | Aceito em: 09 nov. 2025

Correspondência: José Firmino de Oliveira Neto (josefirminol@ufg.br)

*Ser tecelã de um dia.
E se o verso nasceu enquanto a mão tecia
É porque a cadência do tear trouxe
de volta ao peito
Meu mundo amável de reminiscência
Hilda Hilst*

Tramando fios narrativos, enlaçando histórias cultivadas e constelando sentidos presentes nos movimentos de pesquisa-vida do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR), da Universidade Federal Fluminense (UFF), as professoras Luciana Ostetto, Marta Maia e Cristiana Callai (a)bordam, no livro *Formação, Educação e Arte: tessituras em pesquisa e prática docente* - publicado pela Papirus Editora, no ano de 2023 -, temas e questões, estudos e proposições que o coletivo fiandeiro vem tecendo no campo da formação docente para e com as infâncias.

No bordado partilhado, podemos vislumbrar, entre linhas, agulhas e tecidos, entre desejos, poesia e arte, um coletivo que se (re)inventa na academia. Tecer é tudo que desejavam/desejam fazer, fiandeiras e fiandeiros. Tecer é o que fazem. Tecem junto, tecem saberes-fazeres, tecem belezas, tecem esperanças, tecem possibilidades de formação estética, tecem sensibilidades, tecem encontros, tecem re-existências.

Como uma síntese dos primeiros cinco anos do FIAR/UFF, o livro foi “[...] alinhavado pelo desejo, que aguça os sentidos e trama histórias de quem vive o cotidiano da escola e da universidade e se reinventa nos processos formativos, entre educação e arte” (Ostetto; Maia; Callai, 2023, p. 13). E assim, como um livro-vida que festeja percursos, fala da vida tecida por um coletivo, que é dado a conhecer por meio de um prefácio - *Matéria de poesia, matéria de academia* -, da apresentação - *Tessituras de um grupo de pesquisa* -, e de um conjunto de 19 capítulos organizados em duas partes - *Tessituras de dentro: pesquisa e prática* (Parte I) e



2025 Neto. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Tessituras para fora: partilhas de conhecimento (Parte II). A autoria dos capítulos, importante destacar, pertence àquelas que, pelo território da vida-academia, estiveram presentes nas/contribuíram com as fiações do coletivo fiandeiro.

Nota-se que as tessituras históricas, analíticas e afetivas (re)avivadas neste livro-vida, são fruto do empenho de professoras-pesquisadoras que do nascer ao pôr do sol, por dias a fio, teciam com esforço, perseverança, resiliência e afeto suas pesquisas. E não qualquer pesquisa, mas aquela que fertiliza uma produção do conhecimento crítico-reflexiva que permitia/permite sonhar outros possíveis para a docência no *tempoespaço* da Educação Infantil. Desse modo, na obra aqui referenciada, apreendemos um modo singular de fazer pesquisa e de produzir conhecimento: é o modo artesanal que movimenta o FIAR/UFF, que se afigura como símbolo dessa perspectiva outra de caminhar pelos territórios da universidade, vivificando a relação forma-conteúdo, teoria-prática, cognição-emoção, uma confluência que evidencia os caminhos autorais percorrido pelas autoras-professoras-pesquisadoras reunidas no livro.

Neste ponto, lembro das palavras de Jaffe (2023), sobre os princípios do fazer literário, reiterando que há, por parte de muitos escritores e estudiosos, o entendimento de uma certa “ascendência” do conteúdo sobre a forma: “Como se o conteúdo representasse a alma das coisas e a forma, o corpo; como se o conteúdo fosse mais profundo e verdadeiro e a forma, mais superficial e frívola” (Jaffe, 2023, p. 20). Um erro. Afinal, na literatura e também em outras produções acadêmicas, precisamos entender que “[...] ‘como se diz’ é tão ou mais importante do que ‘o que’ se diz, e é no ‘como’ que se localiza a marca autoral de um escritor” (Jaffe, 2023, p. 24). A produção compartilhada na obra *Formação, Educação e Arte: tessituras em pesquisa e prática docente* (Ostetto; Maia; Callai, 2023), revela muito do “como”.

Essa perspectiva é reiterada por Ana Angélica Albano, no prefácio: “Todo tema que provoca perguntas e merece ser investigado é matéria de academia. Toda forma de registro que promova reflexão é matéria de academia” (p. 10-11). Reafirma, assim, que academia e poesia podem coexistir na feitura do conhecimento científico, sobremaneira, de modo a humanizá-lo.

Seguindo a leitura, após o belo e inspirador prefácio, na apresentação elaborada pelas organizadoras do livro-vida, apreendemos os sentidos das partes um e dois: a *Parte I - Tessituras de dentro: pesquisa e prática*, é resultado de “[...] projetos de pesquisa - teses,

dissertações, trabalho de conclusão de curso - e também de projetos de ensino, que tematizam questões/experiências da prática docente na educação infantil" (p. 15); a *Parte II - Tessituras para fora: partilhas de conhecimento*, reúne "[...] composições textuais e imagéticas, narrativas e poéticas, sobre projetos de extensão e eventos organizados e realizados pelo Fiar [...]", como algo que ecoa para o externo, nas busca por novos e oportunos diálogos e reflexões, sobretudo, com professores(as) das infâncias.

Abrindo a Parte I, temos o capítulo *Olhar dentro e fora, circular pelo mundo-vida: narrativas de professoras da educação infantil por tempos e espaços de formação estética*, escrito por Greice Duarte de Brito Silva. Ao delinear percursos da sua pesquisa de mestrado, a professora-fiandeira tece um conjunto de reflexões para evidenciar a importância de uma formação docente alinhada a princípios éticos, políticos e estéticos, bem como alude à relevância de ativar/atiçar memórias e dar espaços para a narrativa das experiências de vida-formação pelos territórios formativos, mas também na pesquisa.

O capítulo seguinte - *Navegar as águas da memória: rotas escritas entre o vivido e o porvir* -, tecido por Marina Luar de Souza Duvidovich, percorre águas-lembranças, alinhando pressupostos dos estudos (auto)biográficos, expondo percursos de vida-formação, permitindo-nos apreender os caminhos que a levam à pesquisa realizada no âmbito do mestrado. Com esta fiandeira-dançante vamos compreender que narrar a própria história constitui-se um processo de (auto)formação, que permite uma apreensão profunda, crítico-reflexiva, da relação que estabelecemos com o mundo, como sujeitos sociais.

Sobre realidades e desejos: arte na vida e nas narrativas de professoras, capítulo fiado por Carla Andrea Corrêa, questiona o *lócus* da sensibilidade e da estesia nos percursos de vida-formação das professoras das infâncias. A autora-fiandeira argumenta sobre uma certeza: é fundamental a oferta de propostas que encorajem os sujeitos em formação a percursos de autoria (do pensamento e do corpo). Afinal, uma prática docente nos territórios da Educação Infantil, que permita a criatividade, a imaginação e o cultivo de múltiplas linguagens, que exige a ampliação dos interesses e dos repertórios estéticos das professoras.

Na sequência, Ana Clara Ribeiro Nimrichter escreve *Crianças em mim: crônicas e olhares de uma pesquisadora-poeta na natureza*, narrando, por meio de crônicas e fotografias, o encontro com crianças, com a natureza e, por tal, com experiências que se constituem em poesia e permitem aprendermos como as crianças habitam o mundo. Na narrativa das

experiências, a autora tece reencontros consigo, os quais permitiram-lhe reeducar o olhar e, acrescentamos aqui, o corpo, para ver-sentir-experimentar as miudezas da vida.

Pelas via da pesquisa narrativa (auto)biográfica, no capítulo *Do encontro com as matérias do mundo às narrativas (auto)biográficas*, Patrícia Vieira Bonfim escava a memória e apresenta trechos do vivido, a partir de seu interesse pelo corpo como seu objeto de investigação durante o doutorado. Assim, mediante gestualidades do corpo no trabalho com a argila, ou durante a produção de outras materialidades feitas à mão, pela escrita e pela fotografia, a autora-fiandeira fala de si e nos coloca pensantes sobre nossos percursos de vida-formação.

Em continuidade, encontramos o capítulo *Professoras de arte no encontro com as crianças: dúvidas, investigações e aprendizados*, tecido pelas fiandeiras Iasmim Cavalcanti Caballero Lira e Graziela Ferreira de Mello, professoras de arte e então mestrandas em educação. Questionam os movimentos de formação recebidos na Licenciatura em Arte, na busca por tecer reflexões sobre ser professora de Arte para as crianças. Em diálogo com a artista-educadora dinamarquesa Anna Marie Holm e a atelierista italiana Vea Vecchi, apresentam possibilidades para o trabalho artístico com as crianças, revendo o lugar da Arte na Educação Infantil, apresentando desafios e tecendo possibilidades para uma proposta que se (re)faça em franca conexão com as crianças e suas infâncias.

E nessa conjuntura, no capítulo *As crianças dançam? Reflexões sobre a dança na educação infantil*, Monique de França Peixoto da Silva, (re)pensa o trabalho da dança no *tempoespaço* da Educação Infantil. Resultado de sua monografia para a conclusão do curso de Pedagogia, valendo-se de estudos bibliográficos e de conversas com crianças, a pesquisa aponta para a superação da dança como uma “atividade extracurricular”. A fiandeira critica a dança constituída apenas para apresentações em datas comemorativas e festividades outras das instituições, enquanto defende a dança na Educação Infantil vivificada por meio de princípios estéticos. É apenas nessa conjuntura que o trabalho artístico, por meio de múltiplas linguagens, dentre elas a dança, poderá ganhar novas perspectivas no trabalho com as crianças.

Finalizando a primeira parte do livro-vida fiandeiro, temos o capítulo *Narrativas infantis: uma experiência na roda de livros de arte*, produzido pela pedagoga e professora de arte Xênia Fróes Motta. Nesse escrito, a autora nos apresenta o projeto “Rodas de livros de arte”, realizado com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no Rio de Janeiro.

Provocado pelo interesse e atenção das crianças, o projeto, conta-nos a fianeira, transformou-se “em um espaço de narrativas no qual as histórias de meninos e meninas, suas perguntas sobre o mundo, seus conhecimentos e suas emoções” (p. 167), se constituíram visíveis.

Chegando à Parte II do livro-vida fianeiro, nos deparamos primeiramente com o capítulo *Encontros em presença e em janelas virtuais, para fiar conhecimentos, tecer experiências*, escrito pelas professoras, e organizadoras da coletânea, Marta Maia, Luciana Ostetto e Cristiana Callai. Nesse escrito, as autoras compartilham os movimentos realizados em dois projetos de extensão realizados pelo FIAR/UFF, quais sejam: *Fiar com...* e *Fiar com o Fiar na quarentena*. Com riqueza de detalhes, vamos revivendo em conexão cada encontro projetado pelo coletivo e compartilhado com toda a gente que se juntou, de modo presencial e virtual, durante a pandemia de COVID-19, bem como apreendendo o modo de fazer e divulgar a pesquisa no território fianeiro.

Já no capítulo *Na memória de um encontro, histórias de um fazer coletivo*, Adriana Soares tece uma narrativa acerca de um encontro-evento específico - *Fiar com... arte e formação de professores: perspectivas autobiográficas*. Ao evocar as memórias sobre a gênese e materialização do referido encontro, a autora-fianeira retoma sensações, reflexões e provocações que agora, com os escritos-palavras, também nos tocam e impulsionam a (re)pensar a arte nos territórios da formação de professores(as), pela via da pesquisa narrativa (auto)biográfica.

Em continuidade, Cristiana Seixas, no capítulo *Poética de docentes dançantes: passos rumo à inteireza*, nos provoca a pensar o sensível na formação de professores(as) das infâncias ao narrar a experiência de danças circulares no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (RJ), parte de uma atividade do Seminário de Educação Infantil: Infâncias, Artes e Imaginação, realizado em 2017, pela Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Niterói (RJ) e pela Fundação Municipal de Educação, através da Diretoria de Educação Infantil. A narrativa da fianeira nos convida à roda, para dançar e fertilizar a ideia e urgência de se cultivar a alma na educação, com vistas a permitir experiências do sensível que conectem cognição-emoção.

Habitar o museu, redescobrir a natureza, fazer à mão: formação docente além dos espaços escolares e universitários, tecido pela professora-fianeira Luciana Ostetto, apresenta o projeto de pesquisa-formação *Por uma formação docente brincante: outros espaços, outras*

experiências, realizado em 2018, com 100 professoras de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Niterói (RJ). Assim, ao tecer os fundamentos e as (re)existências com as professoras em formação, a autora (re)afirma a dimensão poética da infância e da prática docente, dizendo da necessidade de diálogos brincantes, em outros espaços, para suscitar outras experiências. Em suas palavras:

[...] desde a garantia de espaços para experiências docentes brincantes no museu, miramos a possibilidade de inventar outros espaços para a infância na educação infantil: de gentilezas e afetos, de encontros e partilhas, explorações e criações, que ampliem as experiências de meninos e meninas para além de suas salas de referências, com seus professores e suas professoras, saltando o muro para viver a arte e a cultura (p. 255).

Também relacionado ao projeto supracitado, desenvolvido no campo da formação de professores(as), o capítulo *Desabituar o olhar para ampliar sentidos: notas sobre um projeto de formação continuada*, articulado por Vilma Silva, traz reflexões sobre a arte na Educação Infantil no contexto de mobilização de experiências formativas. Assim, ao explicitar as marcas de um dos encontros vividos na pesquisa-formação *Por uma formação docente brincante: outros espaços, outras experiências*, já referida no capítulo anterior, detalha os movimentos de organização dos espaços e das materialidades, os processos de experimentação oportunizados e suas (re)elaborações. Ao organizar os fios do encontro na trama fiandeira, a autora diz das reverberações do projeto sobre o próprio coletivo, que ao vivificar uma formação outra com profissionais da Educação Infantil, também apreende sobre/com o sensível.

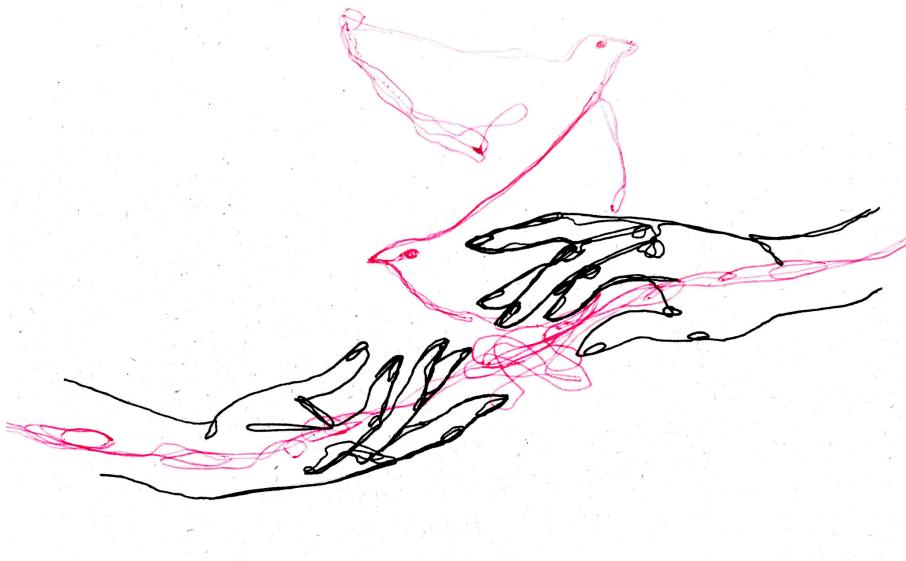
Seguindo em sintonia, as educadoras paulistanas Laís Vilela Gomes e Maria Helena Dantas Neves, no capítulo *Reverberar existências com educação e arte: fios entrelaçados na experiência de duas professoras da rede pública de São Paulo*, contam da experiência-participação no I Seminário Rodas do FIAR, realizado em 2019, no Museu de Arte Contemporânea (MAC-Niterói). A conexão São Paulo-Rio de Janeiro, amplificada pelo encontro com o coletivo fiandeiro, provocou essas duas professoras das infâncias, afetou seus modos de saber-fazer a docência com as crianças, possibilitando novos fios a tecer no cotidiano do trabalho docente.

O círculo narrativo vai cumprindo seu ciclo, dando oportunidade para que outros se tornem realidade: chegamos aos quatro últimos capítulos do livro-vida fiandeiro, que trazem composições e singularidades outras. São escritos-poesia que nos provocam com criatividade e sensibilidade para buscarmos escavar nossas memórias do tempo já vivido e vislumbrar as

marcas que ousaram ficar. São escritos-poesia que nos convocam à essencialidade de movimentos que nos (trans)formam esteticamente, buscando maneiras outras de contar, para refletir, sobre essas experiências.

Nesse poetizar, no capítulo *Dar as mãos, existir juntos em canção e roda*, da fandeira Stéfany Bicalho Fernandes, então estudante de Pedagogia, lemos a narrativa de sua experiência-participação no I Seminário Rodas do FIAR, em 2019. Evocadas com palavras e desenhos autorais, as memórias da fandeira reverberam existências, configurando novas provocações e encantando corpo e alma. Stéfany nos provoca e convida a tracejar o papel, a experimentar sem medo uma docência poética. Cabe assinalar que a capa do livro foi produzida a partir de um desenho (Figura 1) desta fandeira, professora-artista em (re)construção.

Figura 1 - *Dar as mãos, existir juntos em canção e roda*.



Fonte: Capa do livro (detalhe) - Desenho de Stefany Bicalho (2023).

Na narrativa poética *Carretel*, que apresenta o encontro com a arte, traçado pela professora-fandeira Lilian Garcia, somos provocados a continuar olhando e ampliando os nossos sentidos, ao passo que seguimos a vida-formação. Também em *Sopro*, escrito pela fandeira e arte-educadora Barbara Harduim, a poética da amorosidade ganha espaço, na busca por novas (re)existências.

No capítulo final da obra, intitulado *Fragmentos de memória, imagens e escrituras do eu*, Rosvita Kolb Bernardes, em perspectiva (auto)biográfica, concede materialidade a um

tempo histórico, com palavras e imagens que, ao transcender o tempo passado, permitem (re)lançar futuros nos/com movimentos de formação.

Neste momento, em que estou a resenhar uma obra tecida com tantas histórias e memórias, com tantos saberes e fazeres sensíveis, com poesia, na academia, me recordo que estava lá, na noite em que o livro-vida fiandeiro foi apresentado ao público e, no círculo, comungamos o desejo de fazer pesquisa-formação com arte e autoria (Figura 2).

Figura 2 - Mandala integradora, produzida pela vela acesa na roda de lançamento do livro (UFF, 2023).



Fonte: Acervo do FIAR/UFF.

A chama que iluminou aquele momento, inesquecível, acende agora o convite, aos leitores e às leitoras, para percorrer as trilhas abertas pelo livro-vida aqui referenciado, o qual apresentei com alegria e com a certeza de que tecer histórias de beleza e sensibilidade em coletivo, é da maior importância! Ao ler-brincar com os escritos desta obra, confiem, não estarão sozinhos, mas em conexão com tantos outros, que buscam (re)avivar a educação-formação com arte, com ludicidade, com matéria de academia e de poesia, com beleza e compromisso ético, estético e político.

Que o FIAR tenha vida longa! Parabéns ao círculo fiandeiro, pela jornada de coragem e ousadia que inspira outros professores(as)-pesquisadores(as) das infâncias a desbravar os territórios (por vezes sombrios) da docência, para (re)encantá-los com poesia.

Que esse livro-vida possa se (re)fazer chama que inspira!

Desejo uma excelente leitura!

Referências

JAFFE, N. *Escrita em movimento*: sete princípios do fazer literário. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

OSTETTO, L.; MAIA, M.; CALLAI, C. (Orgs.). *Formação, Educação e Arte*: tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.